

Artigo Original

O brincar na prática clínica com a criança: do lúdico ao comportamental.

Adriana Peres Assunção

Ivaneide da Silva Ferreira

Lidieide Sales Aguiar

Nara Cristina Caixeta

Sandra Alves Teles da Cruz

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir como a literatura da infância em suas várias perspectivas trata as questões referentes à brincadeira no contexto da atuação do psicólogo na clínica e, de como, tanto as práticas, quanto obras da área fala-se sobre a necessidade do uso da ludicidade quando o assunto é atendimento infantil. Para tanto, a pesquisa traz uma discussão sobre o conceito de infância na gestalt-terapia, psicanálise e na teoria do desenvolvimento humano. Conclui-se afirmando que o trabalho com crianças deve ser fundamentado nas teorias, além de considerar as especificidades de cada experiência. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se de material bibliográfico.

Palavras-chave: brincar, infância, prática clínica.

ABSTRACT

This article aims to discuss how childhood literature, from its various perspectives, addresses issues related to play in the context of clinical psychologists and how both practices and works in the field address the need to use playfulness when treating children. To this end, the research discusses the concept of childhood in Gestalt therapy, psychoanalysis, and human development theory. It concludes by stating that work with children should be grounded in these theories and consider the specificities of each experience. Bibliographical material was used to develop this work.

Keywords: play, childhood, clinical practice.

Introdução

Desde o século XVIII, a temática do brincar vem sendo amplamente pesquisada em suas diferentes vertentes. Apesar disso, ainda se percebem lacunas de conhecimento sobre o conceito e os processos envolvidos nessa atividade. Para discutir o assunto proposto, é necessário, primeiramente, compreender o significado da palavra “brincar”.

A etimologia do termo é controversa: possivelmente de origem alemã, do verbo blinken, que significa “agitar-se”; ou do latim, a partir do radical brinco e da raiz

morfológica vinculum, que quer dizer “vínculo”. Assim, o brincar refere-se ao divertir-se, constituindo-se em uma atividade de ligação, seja consigo mesmo, seja com o outro (Figueiredo, 2004).

É importante compreender o brincar em relação aos fatores históricos e culturais que propiciaram seu aparecimento. Ao longo da evolução humana, essa atividade tem representado um processo essencial de aprendizagem e descoberta, colaborando de forma direta para a construção cultural das sociedades.

Independentemente de época, cultura ou classe social, o brincar sempre fez parte da vida da criança. No entanto, atualmente, essa atividade vem sendo gradualmente substituída por práticas passivas, como assistir à televisão, jogar videogames ou utilizar dispositivos eletrônicos como meio de preencher o tempo em casa. Ao contrário do que algumas pessoas imaginam, o brincar pode ser um ato sério, visto que a criança o realiza com profunda concentração e envolvimento (Figueiredo, 2004).

A sociedade moderna vive um período de transformações intensas. O avanço tecnológico tem modificado as formas de interação humana, o que também se reflete na criança e em sua maneira de brincar. Por meio dessa atividade, é possível promover o bem-estar e favorecer o resgate de um funcionamento saudável na interação da criança consigo mesma e com o meio. Nesse sentido, a Gestalt-terapia surge como uma importante aliada, ao compreender a criança como um ser único, singular e em constante desenvolvimento nas relações com o ambiente (Nunes & Pedroso, 2002).

Diversas abordagens da Psicologia reconhecem o brincar como experiência constitutiva do sujeito. Na Psicanálise, ele é considerado um meio de elaboração simbólica de conflitos inconscientes (Freud, 1920/1996; Klein, 1955; Winnicott, 1975). Já na Análise do Comportamento e na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), é entendido como comportamento operante e instrumento de expressão emocional, além de ferramenta para a modificação de padrões de pensamento e ação (Skinner, 1953; Knell, 1993). Na Gestalt-terapia, o brincar é visto como uma linguagem autêntica da criança e um espaço de contato com suas necessidades no aqui e agora (Nunes & Pedroso, 2002).

Portanto, este trabalho tem como objetivo discutir o brincar sob diferentes perspectivas teóricas, enfatizando seu papel no desenvolvimento infantil, suas funções no contexto clínico e sua relevância como recurso de intervenção psicológica. Além disso, busca-se refletir sobre os desafios e possibilidades do uso do brincar na prática do psicólogo, ressaltando a importância de integrá-lo de forma crítica, ética e fundamentada às diversas abordagens psicológicas.

1. O brincar em diferentes perspectivas teóricas

Apesar de sua relevância, o brincar tem sido cada vez mais substituído por atividades tecnológicas, embora seja um ato sério e fundamental para que a criança experimente autonomia, explore o mundo, compreenda regras e expresse desejos e ansiedades. Ele possibilita aprendizagem simbólica, criatividade, produção de significados e desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Desta forma, quando se reflete sobre o brincar e a abordagem Gestáltica, é fundamental pensar na relação que se pode estabelecer entre esses dois contextos, pautada no desenvolvimento da criança,

tendo o brincar como uma forma de linguagem para facilitar a expressão e comunicação no espaço terapêutico.

Na Gestalt-terapia, o brincar é compreendido como linguagem essencial da criança e recurso para ampliar sua consciência, favorecendo contato consigo mesma e com o ambiente. O terapeuta deve assumir postura participativa, acolhedora e não diretiva, respeitando o tempo e a autorregulação da criança, usando o brincar como ferramenta de observação e intervenção. Assim, o brincar é visto como meio de comunicação e expressão, permitindo à criança organizar emoções, enfrentar dificuldades e se desenvolver integralmente.

1.1 - Se o brincar criativo perpassa adulto e criança, perguntamos: como fica essa experiência na clínica psicanalítica?

Freud, ao observar seu neto de um ano e meio brincando, questiona a razão pela qual as crianças brincam. Ele analisa o jogo do fort-da, onde o menino lança um carretel e o recupera, expressando satisfação. Este jogo, que representa o desaparecimento e o retorno, reflete a experiência da criança em lidar com a ausência da mãe, transformando uma vivência passiva em uma atividade ativa que ajuda a processar suas pulsões.

Na psicanálise, o brincar é uma ferramenta fundamental para a elaboração de conteúdos psíquicos, sendo compreendido por diversas perspectivas teóricas: Freud via o brincar como o "sonho acordado" da criança, permitindo a expressão e reajuste da realidade a partir do desejo. O brincar permite à criança expressar o que é de maior prioridade, funcionando de maneira semelhante aos sonhos. Assim, para Freud o brincar é um "sonho acordado" que possibilita à criança construir um mundo próprio e reajustar a realidade conforme seu desejo, pois através da brincadeira, a criança nomeia e lida com seus medos e angústias, assumindo personagens para dominar inseguranças.

Anna Freud o considerava o brincar uma técnica para atrair a criança ao ambiente terapêutico, uma atividade expressiva e comunicativa, e não uma representação simbólica do reprimido; acreditando que crianças não eram capazes de desenvolver transferência ou associação livre como adultos. Ela via o brincar como uma atividade educativa e não uma análise direta do inconsciente. O brincar era visto como expressivo e comunicativo, e não ligado à atividade simbólica do reprimido.

Ao passo que Melanie Klein viu no brincar a linguagem simbólica da criança, um equivalente dos sonhos e associações livres do adulto, permitindo o acesso a conteúdos reprimidos. Ela considerava que, através do brincar, a criança produz associações sobre seus desejos e medos, que podem ser analisados. O brincar, nessa perspectiva, é uma linguagem significativa que se relaciona com a estruturação subjetiva e a experiência de mundo da criança.

E Donald Winnicott destacou que o brincar é intrinsecamente terapêutico, promovendo o desenvolvimento e a cura pela sua própria atividade, e que a impossibilidade de brincar pode indicar um adoecimento. Winnicott ressaltou que o ato de brincar é, por si só, terapêutico é fundamental para o desenvolvimento e a cura. Ele se preocupava mais com a interrupção do brincar do que com o seu conteúdo, entendendo que a estagnação do jogar pode indicar um "adoecimento". O brincar

permite a criação de mundos possíveis e a sustentação do devir humano, sendo um processo que transforma e cura.

Por conseguinte, podemos aferir que o brincar na psicanálise é uma linguagem em que a criança se expressa através de ações e fantasias, que o psicanalista deve observar e interpretar. O brincar um elaborador que permite à criança dar sentido aos seus medos, angústias e traumas. O brincar é um espaço seguro para a criança experimentar e se relacionar com o mundo. É um indicador de processos psíquicos, o modo como a criança brinca, o que ela brinca e o que ela não brinca podem revelar aspectos importantes da sua estrutura psíquica.

1.2 - E para a Comportamental como o brincar é compreendido?

A infância é um período crucial para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do indivíduo. Diante disso, diversas abordagens terapêuticas foram desenvolvidas para auxiliar no tratamento de dificuldades emocionais e comportamentais que possam surgir nessa fase.

A Análise do Comportamento, desenvolvida por B.F. Skinner, é uma abordagem científica que busca compreender como os comportamentos são adquiridos, mantidos e modificados a partir das interações do indivíduo com o ambiente (SKINNER, 1953).

Segundo Skinner (1953), o comportamento pode ser entendido a partir de uma tríplice contingência, composta por três elementos fundamentais:

Antecedentes: Estímulos ambientais que precedem e influenciam a ocorrência do comportamento. Na ludoterapia, esses antecedentes podem incluir brinquedos, o ambiente lúdico e a interação do terapeuta com a criança.

Comportamento: A ação observável da criança durante a brincadeira, incluindo a maneira como manipula os brinquedos, interage com o terapeuta e expressa suas emoções e pensamentos.

Consequências: Os efeitos imediatos do comportamento, que podem aumentar ou diminuir sua frequência no futuro, dependendo do tipo de reforço ou punição presente na interação (SKINNER, 1953; MATOS, 2001).

Na perspectiva comportamental, o brincar é visto como um comportamento operante, uma atividade que a criança realiza voluntariamente, cujas consequências prazerosas e reforçadoras a incentivam a continuar a brincar e a desenvolver habilidades importantes. A criança aprende a expressar sentimentos, a construir valores e a se relacionar com o mundo e com os outros de forma mais completa e criativa.

Assim, ao brincar como comportamento operante a criança inicia a ação de brincar de forma livre, explorando objetos e interagindo com o ambiente e com outras crianças. A própria atividade de brincar é geralmente uma fonte de prazer, e essa sensação agradável reforça o comportamento, tornando-o mais provável de ocorrer novamente. Desse modo, através do brincar, a criança desenvolve habilidades psicomotoras, cognitivas, sociais, afetivas e emocionais, aprendendo a lidar com situações e a se expressar.

Na perspectiva comportamental o brincar é um espaço privilegiado para que a criança expresse seus sentimentos, fantasias e até mesmo angústias, sem o filtro da comunicação verbal. Ao brincar com outras crianças, a criança aprende a se relacionar, a negociar, a seguir regras e a desenvolver a empatia. Em brincadeiras de faz-de-conta,

a criança aprende a agir de forma independente dos objetos, criando o seu próprio mundo e desenvolvendo a criatividade. A criança usa o brincar para explorar o mundo à sua volta, descobrindo as propriedades dos objetos, suas funções e como interagir com eles.

Na Terapia Cognitivo-Comportamental, o brincar pode ser usado como uma ferramenta para que a criança se expresse melhor e para que o terapeuta compreenda suas necessidades e angústias. Portanto o brincar oferece um ambiente convidativo e de liberdade para que a criança possa desenvolver sua criatividade, se expressar livremente e se relacionar com o mundo em seu próprio ritmo.

Quando fazemos um estudo mais atento dessas três teorias a respeito de como o brincar é compreendido podemos perceber que todas as vertentes teóricas, aqui estudadas, reconhecem que o brincar é essencial ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, funcionando como um meio de comunicação (expressão interna) e/ou aprendizagem (interação com o ambiente). O brincar é muito mais do que um recurso técnico! É uma experiência criativa relacionada a todas as áreas do viver.

2. Funções do brincar no contexto clínico

O brincar faz parte da constituição da infância e, ao mesmo tempo, é um recurso fundamental no processo psicoterapêutico. Não pode ser tratado como uma mera recreação, pois o brincar é uma forma da criança se comunicar e se constituir de forma subjetiva, além de ajudar na expressão de sentimentos, na organização das experiências e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Há uma vasta literatura, como a Gestalt-terapia, a Psicanálise e as contribuições da Psicologia do desenvolvimento, que compreendem a necessidade e importância do brincar como recurso clínico.

Na teoria psicanalítica, o brincar pode ser entendido como uma forma da criança se comunicar, trazendo à tona conteúdos inconscientes, que muitas vezes, a criança não conseguiria verbalizar. Segundo Castro, Sturmer e colaboradores (2009), o brincar pode ajudar a criança a trazer desconfortos emocionais, fantasias e anseios, auxiliando o psicoterapeuta a compreender sua subjetividade.

Na Gestalt-terapia, como fala Antony e Bai (2025), o brincar pode ser entendido como uma forma da criança expressar, de forma autêntica, as suas reais necessidades no aqui-e-agora. Sendo uma expressão de emoções, pensamentos, comportamentos e sensações, além de ser uma externalização integrada do seu subjetivo.

De acordo com Saboia (2024), o ato lúdico é um espaço privilegiado em que a criança pode resolver conflitos emocionais. Assim, na prática clínica, a criança pode relevar emoções difíceis e isso permite a reorganização da sua subjetividade. Ajudando a criança a se entender e lidar com suas questões emocionais.

Na perspectiva da Gestalt, o brincar é percebido como uma forma da criança se regular, ou seja, ela experimenta, reorganiza suas experiências e resolve questões internas, que antes traziam angústias. Dessa forma, o brincar auxilia no desenvolvimento saudável na infância.

Conforme Santos e Malaquias (2025), a Psicanálise entende que o brincar na infância ajuda a criança a desempenhar papéis que serão vividos na vida adulta, permitindo o amadurecimento psíquico.

Como diz Antony e Bai (2025), o lúdico pode possibilitar o desenvolvimento da criatividade, da autenticidade e autoestima, possibilitando o desenvolvimento de recursos internos para lidar com suas questões emocionais, ajudando a lidar com os problemas da vida cotidiana. Diante do olhar do desenvolvimento infantil, o brincar permite o desenvolvimento de funções cognitivas e habilidades socioemocionais, como a empatia e cooperação. (Carpigiani, 2011). Diante de tudo isso, é preciso e possível utilizar o brincar como recurso para o desenvolvimento da integralidade da criança.

3. O brincar como recurso lúdico e intervenção

O recurso lúdico e o instrumento comportamental de intervenção são as duas funções que o brincar apresenta. Sendo, o primeiro um recurso fundamental no desenvolvimento humano possibilitando a criatividade, prazer e socialização. Tornando-se na clínica um instrumento de intervenção para o psicólogo, que possibilita observação de conflitos psíquicos e maneiras de enfrentamentos de frustrações, conflitos emocionais. “A criança se comunica através do brincar, do desenho e de outras manifestações lúdicas, que funcionam como linguagem do inconsciente” (Criança e Adolescente em Psicoterapia, s.d., p.1).

O brincar também proporciona experienciar papéis e ensaios de novas maneiras de agir. Com isso, resguarda sua pureza lúdica, tornando-se ferramenta para diagnóstico e intervenção terapêutica.

Na Psicanálise, o brincar é interpretado como uma linguagem do inconsciente. Através de brincadeiras com jogos, brinquedos e desenhos a criança comunica conflitos internos que não consegue expressar de forma verbal. Em intervenções comportamentais e na Gestalt, o brincar é um método que facilita entrar em contato com as emoções, testar novos papéis e na formulação de outras formas de agir.

4. O sofrimento psíquico da criança.

Os textos ressaltam que o brincar é indispensável para compreender o sofrimento psíquico da criança, ele substitui a fala. Ele pode expressar angústias e experiências traumáticas, tendo como exemplos a ausência de criatividade ou até mesmo a destruição de brinquedos.

Na Psicanálise esse conceito também é reforçado, pois é através do brincar que a criança irá comunicar seus medos, fantasias, ansiedade: “No ato de brincar, a criança externaliza conteúdos internos, permitindo que o analista observe repetições, ansiedades e modos de lidar com frustrações” (Criança e Adolescente em Psicoterapia: A abordagem psicanalítica)

Para a Gestalt e na Psicologia do Desenvolvimento, o brincar é um “campo de simbolização”, onde a criança comunicará o que ela ainda não consegue expressar pela linguagem, o brincar é o espaço de expressar o sofrimento é uma oportunidade de elaboração.

Conclui-se que o brincar é uma linguagem fundamental para que a criança expresse sua dor psíquica, não sendo apenas um meio de comunicação, mas

também um instrumento de elaboração terapêutica.

5. Desafios da utilização do brincar como ferramenta clínica.

O brincar, mesmo como método de intervenção, é um benefício de passagem ao mundo em que a criança vive e se torna uma provocação constante para o terapeuta. A Gestalt-terapia, a psicanálise e as demais terapias dão ênfase, de forma diferente do adulto.

As ações das crianças são gestos dentro da ludicidade, somente através da expressão, dos símbolos e da própria criatividade. Pois as brincadeiras já fazem parte da comunicação da criança, onde o brincar se relaciona com a sua comunicação através dos medos, dos desejos, das emoções e de como as crianças se relacionam com o mundo delas. Portanto, o especialista tem que ficar muito atento aos sinais, simples ou complexos, durante as atividades lúdicas com as crianças.

Saber interpretar bem os gestos, os desenhos e os jogos é fundamental, pois estes trazem muito sentido no diferencial que só as crianças sabem expressar com grande valor. A subjetividade infantil traz uma história, uma relação e o desenvolvimento do momento. A psicanálise diz que o brincar é a expressão do inconsciente, e a Gestalt nos revela o contato e a vivência no “aqui e agora”. Compartilhar o cenário sensível não é obrigar, mas dar direção juntamente com a criança.

A construção da sessão é um momento muito delicado. Para um bom momento terapêutico, o profissional deverá antes de tudo planejar e saber como equilibrar o acolhimento para que o paciente possa se sentir seguro no ambiente terapêutico, com regras claras e precisas. A terapia deve ser leve e objetiva. O terapeuta não deve paralisar a criança, mas permitir que o brincar siga em frente, deixando-a tranquila, enquanto os profissionais mantêm o foco na organização do tratamento com um objetivo. A exigência é que o terapeuta estabeleça um vínculo forte com seu paciente, para que ele possa querer estar na terapia.

O maior desafio são os limites éticos entre paciente e terapeuta. Na terapia com crianças, estas, durante as brincadeiras, falam sobre suas intimidades, fantasias e muitos segredos sobre a família. As informações transmitidas pelas crianças ao terapeuta devem ser muito bem conduzidas, com responsabilidade e sigilo, para que não haja interpretações errôneas que possam fragilizar o vínculo terapêutico. O brincar deve ser preservado como necessidade de prazer da criança, e não transformado em instrumento de avaliação, pois não deve se tornar uma atividade de satisfação para o adulto, mas sim para a criança.

Assim sendo, o brincar é o prazer que a criança tem de expor suas emoções, que são ferramentas valiosas. Através das emoções, o terapeuta deve adotar uma postura positiva e com olhar sensível. O terapeuta deve ter sensibilidade para interpretar sem julgamentos sabendo evoluir as sessões usando clareza, e favorecendo a autenticidade da própria criança, dando possibilidade para que a criança construa o seu próprio universo dentro do desenvolvimento psíquico em sua totalidade.

6. O brincar na prática do psicólogo

O brincar é uma atividade essencial no desenvolvimento infantil, sendo reconhecido por diversas abordagens teóricas como instrumento de expressão,

elaboração psíquica e aprendizagem. Integrar diferentes olhares teóricos sobre o brincar enriquece a prática do Psicólogo, desde que esse processo ocorra de forma crítica e fundamentada.

Na perspectiva psicanalítica, por exemplo, valoriza o brincar como expressão simbólica de conflitos inconscientes e meio de elaboração emocional. Winnicott (1975) afirma que o brincar permite à criança criar uma área intermediária entre a realidade interna e externa, fundamental para o desenvolvimento emocional saudável. Já a teoria cognitiva de Piaget (1971) compreende o brincar especialmente o jogo simbólico, como etapa essencial para a construção da função simbólica e do pensamento lógico, focando na evolução das estruturas cognitivas.

Em contraponto, Vygotsky(1998) oferece uma visão sociocultural, na qual o brincar é entendido como prática mediada pela linguagem e pela cultura, favorecendo o desenvolvimento de funções psicológicas superiores por meio da interação com o outro. Susan Knell é a teórica da TCC que explicitamente usa o brincar em sua prática, adaptando o modelo cognitivo-comportamental à realidade infantil. Em sua obra *Cognitive-Behavioral Play Therapy* (1993), Knellpropõe a integração entre os princípios da TCC e as técnicas lúdicas, reconhecendo que o brincar é uma linguagem natural da criança e pode ser um meio eficaz para acessar pensamentos, emoções e comportamentos.

Nas abordagens humanistas, como a de Carl Rogers (1977), destacam o brincar como expressão autêntica do self e via para o crescimento pessoal, valorizando a experiência subjetiva da criança.

Diante dessas contribuições, cabe ao psicólogo integrar essas perspectivas com discernimento, reconhecendo os limites e alcances de cada teoria. Essa integração não deve ser feita de forma eclética ou fragmentada, mas sim a partir de uma postura crítica, que leve em conta o contexto clínico, as necessidades da criança e os objetivos da intervenção. Como observa Bossa (2007), a atuação do psicólogo exige a articulação entre teoria e prática de modo ético, coerente e contextualizado.

Assim, ao integrar diferentes olhares sobre o brincar, o psicólogo amplia sua capacidade de escuta, compreensão e intervenção, promovendo um trabalho mais sensível e eficaz no cuidado com a infância.

6. Conclusão

Foi possível no decorrer desse estudo perceber que o brincar, sob as diferentes perspectivas teóricas, revela-se como um fenômeno essencial e multifacetado, que ultrapassa a noção de simples entretenimento para se consolidar como linguagem, recurso terapêutico e experiência constitutiva do desenvolvimento humano. Seja pela ótica gestáltica, psicanalítica, comportamental, cognitivo-comportamental ou humanista, assim, o brincar aparece como um espaço privilegiado de elaboração simbólica, expressão e aprendizagem, onde a criança pode organizar emoções e sentimentos, construir significados e interagir criativamente com o mundo.

Por conseguinte, no contexto clínico, o brincar possibilita ao psicólogo acessar dimensões profundas da subjetividade infantil, favorecendo a compreensão de conflitos, o fortalecimento de vínculos terapêuticos e a promoção do desenvolvimento integral.

Contudo, a utilização do brincar como recurso terapêutico demanda do psicólogo postura ética, fundamentação teórica consistente e sensibilidade clínica para acolher a singularidade da criança, respeitando o valor intrínseco da experiência lúdica. O brincar não deve ser reduzido a instrumento técnico, mas compreendido como dimensão vital da infância e ferramenta privilegiada para promover desenvolvimento emocional, cognitivo e social, reafirmando sua relevância na prática clínica contemporânea. Podemos concluir, assim que o brincar é de caráter essencial na infância, um campo de simbolização e transformação que deve ser valorizado tanto na prática clínica quanto na vida cotidiana.

Referências Bibliográficas

ANTONY, S. & Bai, D. (Orgs.) (2025). *Terapeutas criativos: Gestalt-terapia para crianças, adolescentes, adultos e famílias*. Summus. <https://plataforma.bvirtual.com.br>.

BOSSA, N. A. (2007). *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artmed.

CASTRO, Maria da Graça Kern; STÜRMER, Anie; colaboradores. *Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARPIGANI, Berenice (org). *Teorias e técnicas de atendimento em consultório de psicologia*. São Paulo: Vetor, 2011. <https://plataforma.bvirtual.com.br>.

FRY, Peter. "O significado da anemia falciforme no contexto da 'política racial' do governo brasileiro 1995-2004". *História, ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n.2. p 37470, maio-ago.2005.

GUIMARÃES, A. S. A. "Preconceito de cor e racismo no Brasil". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2004. v.47. n.º 1.

KNELL, Susan M. *Cognitive-Behavioral Play Therapy*. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1993.

PIAGET, J. (1971). *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

ROGERS, C. (1977). *Um jeito de ser*. São Paulo: Martins Fontes.

SABOIA, C. (2024). O brincar como sinalizador de sofrimento psíquico: construção da relação objetal da criança autista e suas implicações no trabalho de intervenção precoce. *Blucher*. <https://plataforma.bvirtual.com.br>

SANTOS, Janaína; MALAQUIAS, Jéssica Vaz (orgs.). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência – olhares psicanalíticos e transdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2025. <https://plataforma.bvirtual.com.br>

SILVÉRIO, Valter Roberto. “O movimento negro e os novos contornos do debate brasileiro sobre raça, etnia e democracia”. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, p. 1 a 30. Setembro 2004.

SCHWARTZ, L. “Questão Racial e etnicidade “ In: O que ler nas ciências social brasileira (1970-1995). Vol. I.1999.

SPRANDEL, Márcia Anita. “Nossos pobres ou nosso povo? Contribuição para o debate sobre políticas sociais no Brasil” Inclusão Social, Brasília, v.1, n.2, p. 83-87, abr. set. 2006.

VARGAS, João H. Costa. “Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro”. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2005. v.48, n.º 1.

VYGOTSKY, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200009

Nunes, A., & Pedroso, S. (2002). *A busca da criança em Gestalt- Terapia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Psicologia), Associação Catarinense de Ensino, Joinville, Santa Catarina. [Links]

Figueiredo, M. M. A. (2004). Brincadeira é coisa séria. *Revista Online Unileste*, 1 (Jan./Jun.). Disponível em <http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/sumario> [Links]

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/WrcB3XWrqPrmGbWicnnQn6F/?lang=pt> SKINNER, B. F. *Science and Human Behavior*. New York: Free Press, 1953.

<https://revistatopicos.com.br/artigos/ludoterapia-e-analise-do-comportamentoestrategias-clinicas-para-o-atendimento-infantil>

WINNICOTT, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.